



Legado e Visibilidade nas Redes-Biomas do Cerrado e da Mata Atlântica¹

Iargo de Souza Santos; Nayara de Arêdes Oliveira²; Sonia Aguiar³ (orientadora)

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Resumo

Esse artigo centra-se no estudo de duas “redes-biomas”: a Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA) e a Rede Cerrado. Ambas configuram-se como um tipo de articulação relacionado às causas ambientais que surge no contexto pós-Eco-92 e se expande com a emergência da internet no Brasil. A circulação de informações no ambiente virtual rompe com as fronteiras geográficas e aproxima atores que se identificam e se unem em defesa de certos ecossistemas – no caso, os biomas Mata Atlântica e Cerrado. Do ponto de vista empírico, buscou-se identificar nos sites dessas redes o corpo de conteúdos construído através de suas ações comunicativas, que lhes conferem legitimidade e possibilitam a instituição de um legado informacional.

Palavras-chave:

Comunicação ambiental; legado informacional; redes-biomas; visibilidade midiática

1. Introdução

O movimento ambientalista no Brasil encontra na década de 1990 um importante marco para sua articulação. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como ECO-92 ou Rio-92, foi o ponto de partida para que diversas entidades da sociedade civil pudessem visualizar pautas comuns e somar forças. A Rio-92 figura como ponto-chave para entender a organização em rede e a postura de enfrentamento ao modelo desenvolvimentista predatório, motivação em torno da qual os movimentos sociais procuraram os mais diversos meios de associação.

¹ Trabalho apresentado no IJ7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Graduandos de Jornalismo e bolsistas de Iniciação Científica, respectivamente pelo PicVol-Copes-UFS e Pibic-Copes-UFS – iargocorreia@gmail.com ; nayara_aredes7@hotmail.com

³ Dra. em Comunicação/Ciência da Informação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFS, coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA) – <http://licaufs.blogspot.com/>



Foi nesse contexto que o movimento ambientalista no Brasil tornou-se pioneiro no uso de novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo da emergente Internet. A ferramenta passaria ter a função de mediar fluxos de informações, constituindo um espaço alternativo e virtual de relações como recurso auxiliar à articulação presencial.

Esta experiência pode ser visualizada através do que aqui será chamado “redes-biomas”. O termo se refere a entidades cuja articulação e campo de ação estão circunscritos aos agrupamentos de sistemas naturais do território brasileiro. Os seis biomas nacionais mapeados pelo IBGE⁴ e as causas ambientais a eles pertinentes, portanto, definem o interesse coletivo em torno do qual se constrói a articulação em rede. E o espaço virtual surge como facilitador, através de sites e demais estratégias comunicativas. Neste estudo, tomaremos como base os casos da Rede Cerrado e da Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA), cujas raízes remetem à Rio-92 e os históricos, sobretudo com relação ao uso da Internet, traçam caminhos semelhantes.

O conjunto das informações contidas nos sites dessas redes denota as ações por elas empreendidas, funcionando como modo de atestá-las e torná-las visíveis ao público. Assim, o acúmulo de conteúdo das plataformas virtuais ajuda a construir a imagem da rede e a afirmar sua representatividade e legitimidade na esfera pública. Nesta perspectiva, o percurso dos 20 anos de existência das redes Cerrado e RMA auxilia na compreensão da relação entre legado informacional e visibilidade midiática, abordada ao longo deste estudo.

2. Metodologia

A etapa inicial deste estudo partiu do levantamento de conteúdos dos sites das redes Cerrado (<http://www.redecerrado.org.br/>) e RMA (<http://www.rma.org.br/>). A pesquisa exploratória teve por objetivo a coleta de informações e documentos – institucionais ou não – que pudessem levar a compreender a dinâmica de organização das redes, suas estratégias e ações comunicativas. A investigação das ferramentas de comunicação teve como foco as ações dirigidas ao público externo, tais como boletins eletrônicos, rádios, vídeos, galerias de fotos, jornais e revistas. Procurou-se ainda identificar a presença das redes nas chamadas mídias sociais - Facebook, Twitter, Youtube, Orkut, etc, bem como em buscas no Google.

⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil possui seis biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa (ou Campos Sulinos).



Depois de reunir as informações disponíveis, buscamos entender as relações entre as organizações integrantes, suas posturas enquanto atores autônomos e o percurso da articulação, desde o momento da formação (no contexto da Rio-92) até então. Para tanto procuramos identificar as ações intra-rede, como listas de email e fóruns, além do envio de questionários às coordenações e entidades filiadas. Outra medida foi a ativação do serviço Google Alerta, com o objetivo de acompanhar os dados atualizados que circulam na Internet a respeito das redes em estudo.

Concomitantemente à pesquisa empírica, foram realizadas leituras para referenciar teoricamente os estudos. Autores como Castells (2010), Melucci (2001) e Aguiar (2007) foram fundamentais para o entendimento da articulação em rede e análise dos dados coletados.

3. Formação das redes de movimentos ambientais

As raízes do movimento ambiental no Brasil começam a se delinear na década de 1970. O modelo de desenvolvimento econômico e social baseado na dominação predatória da natureza levou à formação de uma nova consciência defendida pelas correntes ambientalistas não-conservacionistas, que se caracterizam pela oposição à lógica capitalista, questionando o sistema vigente.

A partir de 1990, sobretudo após a ECO-92, os movimentos ambientalistas passaram a adotar uma postura de pró-ativismo, não só pondo em xeque o sistema, como apresentando ações concretas de mobilização (AGUIAR, 2007). A Conferência da ONU caracteriza-se como marco para o início da articulação das ONGs ambientalistas no Brasil, desencadeando a formação de redes de movimentos sociais e representantes da sociedade civil. Os laços construídos entre as entidades que compõem essas redes seguem uma dinâmica baseada na definição de interesses comuns, que acabam por gerar e fortalecer um sentido de identidade coletiva.

Neste momento inaugura-se uma nova forma de articulação, baseada na utilização do meio virtual como espaço e canal de trocas e fluxos de informação. O Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente (FBOMS), criado durante o processo de preparação da ECO-92, surge neste contexto de inovação tecnológica, utilizando-se da nova ferramenta de comunicação remota para facilitar a participação da sociedade na Conferência da ONU. A experiência de articulação do FBOMS ilustra a



noção defendida por Castells (2010), de que parte do sucesso do movimento ambientalista se deve ao poder de “adaptação às condições de comunicação e mobilização apresentadas pelo novo paradigma tecnológico”. Para o autor, nenhum outro movimento apresenta de maneira tão notável o envolvimento com a mídia. Soma-se a isso o fato de os ambientalistas formarem a vanguarda do uso de ferramentas tecnológicas para sua organização, sobretudo a Internet.

Esse envolvimento com a mídia intermediado pelas novas tecnologias é ponto chave para o desenvolvimento de espaços de diálogos, no que Cox (2010) chama de “esfera pública verde”. Segundo este autor, o comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente depende sobretudo do debate público e das representações da mídia. Dessa forma quanto mais meios os movimentos ou redes ambientalistas tiverem para influenciar nessa esfera pública verde, melhor para a coletividade que eles representam.

Neste sentido, a articulação em rede e as novas tecnologias auxiliam diversos atores a somar forças na manutenção de sua representatividade, seja nas conversas cotidianas ou nas grandes arenas de discussão. Embora a autonomia de cada entidade seja bem delimitada, a causa comum que motiva o enredamento dissolve os limites de participação no momento das ações coletivas. No Brasil, o caso das redes-biomas ajuda a visualizar a maneira pela qual as causas ambientais se configuram como interesse em comum aos movimentos sociais.

4. Redes-biomas do Brasil

A noção de redes-biomas está inserida no plano de trabalho Comunicação Ambiental nas Redes-Biomas do Brasil, dentro do projeto de pesquisa Geografias da Comunicação Ambiental no Brasil⁵. Quando nos referimos a essas redes falamos em entidades articuladoras de atores da sociedade civil que se identificam com a causa ambiental circunscrita a determinado domínio natural.

Geograficamente, o território brasileiro se divide em seis grandes biomas nos quais atuam seis entidades que se encaixam no perfil acima descrito, a saber: Grupo de Trabalho da Amazônia – GTA (bioma Floresta Amazônica); Associação do Semi-Árido Brasileiro – ASA (bioma Caatinga); Rede Cerrado (bioma Cerrado); Rede Pantanal (bioma Pantanal); Rede ONGs da Mata Atlântica – RMA (bioma Mata Atlântica) e

⁵ Desenvolvido pela orientadora com apoio financeiro da Capes e do CNPQ (editais CHSSA e Universal 2010).



Rede Bioma Pampa (bioma Pampa). O termo redes-biomas foi cunhado especificamente para o atual plano de trabalho com o objetivo de aproximar os objetos de estudos. Esses objetos têm suas especificidades diretamente influenciadas pelas condições geográficas e sociais nas quais estão inseridos. Apesar disso, surgem da demanda comum de antagonismo ao modelo desenvolvimentista e predatório vigente. Desses espaços de diálogo se organizaram as redes sobre as quais trataremos neste artigo: Rede Cerrado e Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA). Enquanto raiz comum, o contexto da Rio-92 é determinante para a escolha destas redes, como será abordado ao longo do trabalho.

4.1. Rede Cerrado

A iniciativa de criação da Rede Cerrado surgiu a partir do Tratado dos Cerrados, documento assinado por diversas instituições civis durante o Fórum Global, que alerta para os potenciais prejuízos causados pelo acelerado processo de expansão agrícola na região, e para a falta de prioridade ao bioma no contexto das políticas públicas ambientais. A rede baseia-se também em uma Carta de Princípios (aprovada em assembleia, em 1999) para regular suas ações e definir sua estrutura administrativa, articulada através da coordenação e do conselho deliberativo.

O texto de apresentação no site informa que a rede agrega mais de 300 entidades filiadas (embora liste apenas cerca de 80), que atuam em dez unidades da federação – Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal, Bahia, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, São Paulo e Maranhão. Desde 1996, a rede promove encontros temáticos de modo a estimular o diálogo, não só entre as instituições integrantes como também com governos, visando ações capazes de aperfeiçoar mecanismos de gestão pública.

O perfil das entidades que constroem a Rede Cerrado é diverso, agregando desde ONGs tradicionais como a Ecologia e Ação (Ecoa) – que foi criada em 1989 e alcançou projeção internacional – até associações como a Warã, representante da tribo A'uwé-Xavante, do Mato Grosso. A pluralidade dos componentes demonstra a existência de pautas transversais que unificam os atores, embora possa ser verificada uma relação de autonomia entre as entidades. Como objetivo comum, a rede define “a troca de experiências e informações entre as instituições visando conciliar equidade social, conservação ambiental e desenvolvimento sustentável”. Esta meta está expressa no site da rede, na seção “Quem Somos”.



De forma geral, a página virtual da Rede Cerrado apresenta o histórico de formação da rede e seus objetivos, sua estrutura administrativa e seus documentos norteadores. Além disso, reúne conteúdo ligado às atividades desenvolvidas ao longo da sua história. Apesar de não haver uma data específica para o início das atividades no site, a publicação mais antiga é de 2007. Todo o material é disponibilizado para *download* em formato PDF, embora haja seções “em branco”. A rede mantém ainda um blog e oferece a possibilidade de inscrição para recebimento de boletins diários, apesar de ser carente quanto ao uso de recursos disponíveis na Internet – a exemplo das chamadas “redes sociais”.

Durante grande parte do período de observação (de agosto de 2011 a abril de 2012) o site da Rede Cerrado não apresentou atualizações. Sua interface manteve-se estática, de modo que a página eletrônica não pôde dar conta de informar ao usuário a respeito da articulação extra-virtual. No mês de setembro de 2011, o site chegou a ser “tirado do ar”, voltando em menos de uma semana com o conteúdo original, sem nenhuma modificação, nem notificação ao público sobre o ocorrido.

Apesar desta limitação, a busca no Google forneceu indicativos de que a articulação da Rede Cerrado mantém-se, ainda que de forma pouco visível. Mesmo que o site não ofereça referências recentes, foram encontradas notícias que indicam atividade, como por exemplo, a organização da III Assembleia da Rede Cerrado, em setembro de 2011.

4.2. Rede de ONGs da Mata Atlântica

Assim como a Rede Cerrado, a RMA foi fundada durante a ECO-92, dentro do Fórum Global. Seu objetivo, segundo descrito na seção “O que é” do seu site, é “unir forças e trocar informações entre entidades que atuam no vasto domínio da Mata Atlântica”. A Rede conta com mais de 300 filiadas em 17 estados, que vão desde associações de pescadores a grupos internacionalmente conhecidos, como o Greenpeace. Esses diversos atores são regidos por um estatuto que se caracteriza como um registro formal de suas relações de interesse comum.

Dessa forma, para facilitar as ações de articulação e divulgação, a RMA transferiu sua sede de São Paulo para Brasília, em 1999, e contratou uma equipe para formar uma secretaria-executiva. Em 2009, no entanto, o fechamento do escritório foi anunciado no site da Rede, que desde então se mantém “estático”. Mesmo assim, quase todo o acervo



de informações acumuladas continua disponível, o que permite conhecer a estrutura e a dinâmica organizativa da rede.

A interface virtual da RMA se apresenta de forma bastante dinâmica e didática, o que demonstra grande preocupação com a aproximação do público à rede. Uma das ações de comunicação mais importantes contidas no site está diretamente ligada à sua relação com o bioma. A seção “Entrar na mata” (construída com recursos de animação) oferece mecanismos de interação onde é possível explorar diversos aspectos relacionados à Mata Atlântica e sua devastação.

Do ponto de vista midiático, a seção “notícias” - subdividida em releases, artigos, agenda, boletins e banco de imagens - pode ser considerada a mais importante para a divulgação da rede. Estão arquivadas mais de 2.000 matérias, cuja variedade de conteúdos e atores envolvidos ajuda a compreender o funcionamento capilar da rede. No site há ainda um banco de “publicações”. Estão disponíveis para *download* variados documentos referentes às atividades da rede, desde seu plano estratégico a diagnósticos sobre a situação da Mata Atlântica.

Devido à falta de atualização no ambiente virtual da RMA, os dados coletados referentes às ações comunicativas não podem ser tomados como algo que continua sendo realizado. Nesse sentido, o site funciona como banco de informações sobre a rede, onde é possível identificar os métodos utilizados para divulgação de suas atividades em dado período, apesar de não oferecer acesso às atividades realizadas atualmente. Na tentativa de buscar informações sobre as atividades recentes da rede foram utilizados outros mecanismos de busca, como descrito no decorrer deste trabalho.

5. Visibilidade, legado e imagem

O anúncio do “fechamento temporário” do escritório da RMA em Brasília, através do site da rede, dá a dimensão de sua estagnação após 17 anos de atuação e visibilidade. A qualidade da organização do acesso aos conteúdos da página, no entanto, deixa claro o legado informacional construído pela rede em torno da divulgação de suas ações.

O mesmo se verifica com relação à Rede Cerrado. Embora a pesquisa através de ferramentas de busca deixe indícios de que suas atividades não cessaram, a página mantida pela própria rede não denota ações atuais. Ainda assim, o site afirma a



identidade da rede por meio da criação de uma herança informacional gerada pelo acúmulo de conteúdos agregados no decorrer de sua história.

Os casos das redes Cerrado e RMA tornam possível visualizar a relação entre visibilidade, legado e imagem. Ainda que “submersa” – ou em estado latente – uma rede preserva sua representatividade pela constante troca de informações (Melucci, 2001). O arcabouço de informações acumulado ao longo dos anos ajuda a construir o nome da rede. Seu legado é reflexo das ações que empreende, mas o uso das ferramentas comunicativas atesta e concretiza seu papel social aos olhos do público.

Mesmo que as informações disponíveis através da face visível da rede não tornem possível um conhecimento amplo sobre suas atividades recentes, o conteúdo fornecido pelo site e demais ferramentas de busca funciona como um banco de dados. Por meio dele é possível construir a imagem da rede e de sua história, o que lhe permite um sentido de legitimidade.

A divulgação de conteúdos pela rede funciona como “carimbo”, pois dá a validação de que algo está sendo feito, de que o que se propõe é efetivo. Ao mostrar-se, a rede fortalece sua imagem e faz-se ressonante. A importância do uso e atualização das ferramentas de comunicação pelas redes encontra em Hansen (2006) a noção de “visibilidade pública midiática”. A autora a define como “um espaço relacional sobre o qual incidem pressões dos diversos atores sociais em busca por transformar o poder comunicacional em poder de influência sobre as decisões políticas”.

Desta forma, a visibilidade traz às redes a possibilidade de pautar a mídia e influenciar a tomada de decisões do poder público. Em contraponto, a invisibilidade traz um estado de estagnação, podendo chegar ao retrocesso no que diz respeito à construção da identidade da rede, uma vez que a distancia dos espaços de discussão e faz com que ela perca poder de influência e status de referência.

6. Ação e comunicação intra-rede

Buscando aprofundar o entendimento a respeito dos objetos em estudo, sentiu-se a necessidade de ir além da face visível construída pelas redes. Desta maneira, a ativação



do serviço Google Alerta⁶ teve por objetivo o recebimento de conteúdos atualizados que circulam na Internet a respeito das redes Cerrado e RMA. Através do aplicativo, a busca por “Rede de ONGs da Mata Atlântica” apresentou alguns resultados relevantes. Foram recebidas 77 notícias que fazem referência à RMA. Dessa forma, é possível identificar sua participação (direta ou indireta) em variadas ocasiões, apesar da estagnação de seu site.

A rede aparece algumas vezes como coadjuvante: ações realizadas por suas entidades afiliadas; assinatura de cartas e manifestos junto a outras entidades; participante de conselhos e seminários, etc. Por outro lado, surge também como ator em notícias relacionadas a temáticas nacionais, como o novo Código Florestal, demonstrando que ainda tem força e é uma importante fonte de informação no cenário ambiental brasileiro.

Dentro desse quadro de notícias, duas podem ser destacadas para este estudo: a primeira trata da entrega do “Prêmio Motosserra” ao senador Luiz Henrique (PMDB-SC), publicada no G1 (www.g1.globo.com). Esta informação mostra a capacidade da rede, mesmo que diminuta, de pautar um grande veículo de comunicação. E a segunda faz referência à Rio +20, evento que se propõe a rever as pautas propostas na ECO-92. Publicada no site da Apremavi, entidade elo da rede em Santa Catarina, a postagem fala claramente da articulação para o evento: “A Federação de Entidades Ecologistas Catarinenses (FEEC) e a Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA) convidam as suas filiadas a atualizarem os seus dados cadastrais (...). Com a proximidade da Rio+20, o momento é de articulação e por isso solicitamos que todos participem”.

O texto oferece uma amostra do ambiente interno da rede, onde uma entidade filiada aparece como facilitadora da articulação. Com esses resultados, podemos concluir que a RMA continua ativa e envolvida com as principais questões ambientais em pauta atualmente, apesar de o seu site não ser atualizado há quase três anos.

Ainda objetivando penetrar o ambiente intra-rede, elaboramos um questionário básico que foi enviado às coordenações e entidades filiadas da Rede Cerrado e da RMA. Com este questionário pretendia-se que as redes falassem sobre suas atividades, o momento de desatualização de suas plataformas virtuais e a articulação ao longo de seus 20 anos

⁶ A palavra-chave “Rede Cerrado” forneceu apenas dois resultados condizentes com o proposto, o que foi considerado irrelevante para os objetivos da pesquisa.



de existência, com ênfase na iminência da Rio+20. No entanto, até a preparação deste artigo nenhum destinatário da RMA respondeu os e-mails, nem o questionário.

O contato com a Rede Cerrado permitiu o acesso a informações que não circularam no âmbito da mídia, demonstrando uma efetiva atividade da rede, ainda que não pública. De acordo com a coordenação administrativa, o momento atual é de qualificação da comunicação interna, por meio da atualização de listas de contato e e-mails e da promoção de reuniões e oficinas.

A aprovação recente de um projeto junto a uma instituição patrocinadora, em dezembro de 2011, permitiu pela primeira vez à Rede Cerrado a contratação de uma assessora de comunicação e de um assessor administrativo. O projeto, que entrou em vigor em março de 2012, engloba ainda a reestruturação do site da rede. Em relação à Rio+20, a Rede Cerrado está participando ativamente do processo de articulação da sociedade civil, sobretudo através da Cúpula dos Povos – evento paralelo à Conferência. Após o contato com a coordenação da rede, percebeu-se pequena mudança no site, com a adição de conteúdos, indicando o novo estágio de articulação.

É perceptível, portanto, que embora ações estejam sendo empreendidas, a não divulgação as torna invisíveis aos olhos do público. E, invisível, a rede perde seu potencial de influência na esfera pública, deixando de pautar suas causas e enfraquecendo-se nas instâncias de debate político.

7. Conclusão

Uma plataforma virtual mantida por uma rede deveria funcionar como um mecanismo de emersão, ou seja, uma forma para que suas ações, mesmo que estejam sendo protagonizadas apenas por alguns atores, venham ao conhecimento do público. O ambiente virtual deveria ser um agente para que as redes saiam do estado de latência. A divulgação transmite uma ideia de atividade, de funcionalidade e de articulação. Se isso não ocorre, podemos questionar se a rede não estaria falhando no seu papel de articuladora e/ou divulgadora da articulação.

Os casos das Redes Cerrado e RMA mostram como duas redes que partiram de uma raiz comum e traçaram um histórico paralelo, hoje vivem perspectivas diferentes. O quadro de inatividade de ambos os sites caracteriza a deficiência na articulação e



empreendimento de ações comunicativas. Contudo, a Rede Cerrado sinaliza uma mudança a partir do investimento para a melhoria de sua visibilidade midiática. Dessa forma é possível apontar a importância de uma referência específica dentro da rede voltada para a comunicação.

Em dado momento, a RMA possuiu uma secretaria-executiva responsável pelas ações de comunicação e manutenção do site. Quando foi fechado o escritório perdeu-se um aparato fundamental para a visibilidade da rede, embora seu legado permaneça e a legitime enquanto importante ator da sociedade civil. Na direção oposta, ao buscar a construção de um setor de comunicação, a Rede Cerrado fortalece e renova suas estratégias para afirmação de seu poder de inserção na esfera pública. Além disso, aprimora seu legado informacional.

Nesse contexto, momentos de emersão como a Rio+20 que se aproxima são importantes para que essas organizações façam a retrospectiva do que vem sendo feito. Especialmente para as redes Cerrado e RMA, essa análise é fundamental para o planejamento do futuro. Afinal, vinte anos depois do início da articulação em rede no Brasil com uso das novas tecnologias de informação, ainda é perceptível a subutilização desse potencial comunicacional, havendo dificuldades para a sua transformação em uma estratégia efetiva de influência na esfera pública.

8. Referências Bibliográficas

AGUIAR, Sonia. **Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas**. Revista Informação & Informação. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. v. 12, Edição especial, 2007. Disponível em:

<http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=39>

CASTELLS, Manuel. O “verdejar” do ser: o movimento ambientalista. In: CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Cap. 3. p.141-168.

COX, J. Robert (ed.). **Environmental communication and the public sphere**. 2nd. ed. Sage Publications, 2010.

HANSEN, Messiluce da Rocha. **Esfera de visibilidade pública midiática, redes de comunicação e os atores coletivos da sociedade civil**. In: Anais do XXIX Congresso de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em:

www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1567-1.pdf

MELUCCI, Alberto, **A Invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.